

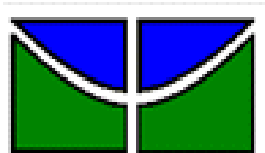
Universidade de Brasília
Instituto de ciências sociais

O QUE FAZER APÓS FORMAR?
A EXPECTATIVA DOS JOVENS RECÉM-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS COM O
TREINAMENTO OFERECIDO NO CURSO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Victor Hugo Luís Recaséns Ferreira Paiva Araujo

Brasília – DF

2021



Universidade de Brasília
Instituto de ciências sociais

O QUE FAZER APÓS FORMAR?

A EXPECTATIVA DOS JOVENS RECÉM-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS COM O TREINAMENTO OFERECIDO NO CURSO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Brasília – DF

2021

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à minha família e a minha namorada, Grazyelle, que sempre me apoiaram espiritualmente nessa fase da vida. Agradeço ainda à família, que conseguiu me proporcionar a base educacional, material e cultural para que pudesse seguir com meus estudos, principalmente a minha mãe, Ivonilze, e minha avó, Nilzette, e meu avô Ivo Ferreira, que me ajudaram ao longo da minha vida. Não posso deixar de agradecer também ao advogado Júlio Romário, cujo trabalho e senso de justiça sempre me ajudaram. Essas pessoas são partes concretas e simbólicas da minha base e as quais me mantiveram esperançoso, mesmo nos momentos de condições psicológicas e financeiras menos favoráveis.

Agradeço também à própria Universidade de Brasília, por ter me proporcionado uma excelente qualidade educacional gratuita, ao longo destes 4 anos de graduação. Meus agradecimentos aos(as) colegas de estágio na Faculdade de Comunicação da UnB. Local onde pude conviver com colegas, que me mostraram o verdadeiro significado de batalhar para uma vida melhor com contínua crença da capacidade de melhora como profissional e em qualquer área da vida.

Agradeço ainda aos ensinamentos que pude usufruir dos professores do curso de Ciências Sociais. Não menos importante, agradeço à minha orientadora, Ana Cristina Murta Collares, cuja aula acendeu o meu interesse pela sua área de pesquisa, e também, agradeço ao professor Sergio Barreira de Faria Tavolaro, por participar da minha banca e por suas aulas didáticas que chamaram minha atenção positivamente desde meu ingresso na UnB. Agradeço ainda à orientadora, cujo ensino paciente, o esforço e dedicação no desenvolvimento desta monografia me acompanhará nos caminhos da vida. Por fim, agradeço a todos(as) que contribuíram para a minha pesquisa.

RESUMO

No panorama do mercado de trabalho atual a inserção dos jovens é um desafio. Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma descrição das perspectivas e expectativas em relação ao mercado de trabalho dos(as) estudantes recém-graduados em ciências sociais pela Universidade de Brasília. Procuramos conhecer principalmente a opinião dos egressos a respeito do treinamento oferecido pelo curso para enfrentar esse mercado. A fim de robustecer nossos resultados, fizemos também uma breve comparação entre as opiniões dos jovens sociólogos e as dos formandos do curso de arquitetura. Utilizamos o apoio de dados secundários sobre a situação de emprego e desemprego de jovens em geral, e dos sociólogos especificamente, na conjuntura atual do Brasil e do Distrito Federal. Utilizamos para a investigação dados de entrevistas em profundidade e dados do questionário do ENADE 2017. Verificamos que as expectativas dos egressos e formandos estão subjetivamente ligadas ao caminho trilhado durante a graduação, com os conhecimentos e experiências adquiridas, e que, em geral, os graduandos em ciências sociais confiam muito mais nas experiências extra-curriculares do que nas curriculares enquanto habilidades que podem ajudá-los a se encaixar no mercado. Assim, ressaltamos a importância de que as universidades, e especialmente os cursos de ciências sociais, estejam mais presentes na hora de orientar os(as) estudantes em relação ao mercado de trabalho, ou que possam rever seu currículo a fim de remediar a questão.

Palavras-chave: Recém-graduados, transição ensino superior mercado de trabalho, Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Mercado de Trabalho DF.

ABSTRACT

The insertion of young people in the current job market is challenging. In this research, we aim to describe the expectations of young sociology graduates from the University of Brasilia relative to their prospects in the job market. Our main goal is to know if these young graduates think there is a match between the abilities learned during their graduation and market demands. We compare their opinions to those of recent graduates from the Architecture degree to make our outcomes more robust. Our data comes from the questionnaire of the National Graduate Exam of 2017 (ENADE) and from in depth interviews made for the present study. The analysis of the data indicates a connection between students' expectations and the trajectory they followed during the course, i.e., whether or not it included extra-curricular activities, experience as a trainee, and so on. Social Sciences' students rely on these experiences more than on the curricular ones as tools to help them find a place in the market. We suggest that the university, and especially the social sciences departments, should engage in active job market counseling and/or review its curriculum.

Keywords: Recent graduates, transition from higher education to the labor market, Social Sciences, University of Brasília, DF Labor Market.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ABIN – Agência Brasileira de Inteligência

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal.

DF – Distrito Federal

DPO – Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional

ENADE – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

ONGs – Organizações não Governamentais

PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PT – Partido dos Trabalhadores

RAs – Regiões Administrativas

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

SIGRA – Sistema de Graduação

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Contexto – O Mercado de Trabalho Para os Jovens no Brasil Atual.	13
1.2. A Situação Trabalhista no Distrito Federal.....	16
1.3. O Mercado de Trabalho Para as Ciências Sociais.	20
1.4. O Mercado para os Egressos de Ciências Sociais da UnB.....	22
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
3. O PERFIL DOS(AS) ESTUDANTES EM CIÊNCIAS SOCIAIS E DE ARQUITETURA.....	29
3.1. Dados do ENADE sobre a UnB – Arquitetura e Ciências Sociais.	29
3.2. Perfil Geral dos Formandos de Ciências Sociais e Arquitetura.	31
4. AS PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS EGRESSOS SOBRE O MERCADO DE TRABALHO.....	36
4.1. As Percepções de Formandos sobre Ciências Sociais e Arquitetura.	36
4.2. As Entrevistas Semiestruturadas para Egressos de Ciências Sociais.....	37
5. DISCUSSÃO.....	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXO.....	56

1.INTRODUÇÃO

Em algumas situações, após a graduação do ensino superior, muitos jovens podem se perder diante das possibilidades e desafios existentes no mercado de trabalho. Muitos(as) recém-formados(as) encontram-se diante de um panorama incerto. Alguns se seguram ainda entre a base material familiar, ao passo que são tomados por seus próprios anseios de conseguir uma profissão e, portanto, encaminhar suas vidas para a independência, identidade profissional, responsabilidade e outros planos futuros. Ademais, segundo Dias (2016), as expectativas dos recém-egressos do ensino superior brasileiro, em relação ao mercado de trabalho, são muitas vezes marcadas por dúvidas, ansiedades, sentimento de impotência, insegurança quando se deparam com a necessidade de trilhar o caminho profissional e não ser um peso para a família. Estes exemplos de percepções desfavoráveis da juventude sobre nossa sociedade do trabalho demonstram que essa transição é marcada por tensões, ao passo que o mercado de trabalho denota sua complexidade de inserção.

[...]parece haver consenso na literatura especializada de que os marcos transicionais e a percepção da duração ideal da juventude variam de acordo com a cultura e o grau de afluência das sociedades. Isso porque a juventude tende a ser abreviada em populações onde os recursos são escassos e a necessidade de sobrevivência se impõe sobre a busca de satisfação individual, impossibilitando a formulação de projetos individuais de longo prazo; é preciso crescer depressa, contribuir com o grupo doméstico, ao invés de ser um peso a mais a ser suportado pelos demais (DIAS, 2016, p. 36).

Nesse processo para conseguir uma vaga de emprego formal no mercado, o ensino superior passou a ser considerado como um importante meio para qualificação individual em nossa

sociedade, oferecendo uma base intelectual, teórica, prática e assim, uma influência de peso na empregabilidade. Porém, como nos demonstra Fragoso (2019), a maioria dos empregadores, com exceção dos empregadores do terceiro setor, considera que os graduados chegam ao mercado de trabalho mal preparados. Em observação semelhante nesta mesma pesquisa, a maioria dos estudantes de 24 cursos diferentes percebem uma falha das instituições de ensino superior, em relação à preparação curricular oferecida pelas universidades, principalmente para os egressos ou formandos em vias de ingressar no mercado de trabalho. A opinião relatada por um número significativo de estudantes nesta mesma pesquisa é que os currículos de ensino deveriam estar mais adaptados às necessidades do mercado, apesar de ser observado por muitos que ainda é de maior importância o desenvolvimento pessoal qualificador para a busca de emprego, contando com o conjunto da capacidade individual por habilidades adquiridas, informações assimiladas, experiência, responsabilidade e maturidade desenvolvida.

Desta forma, indubitável como seja o papel da universidade na formação para o mercado de trabalho, este e outros estudos demonstram que uma grande parte dos formandos percebem falhas na formação acadêmica, no que tange a prepará-los de maneira prática e/ou objetiva para o mercado laboral. A maioria dos cursos do ensino superior não oferecem planos e didáticas de como ter um preparo para o mercado. Lições tais como: desenvolver técnicas referentes aos processos de seleção, elaborar um currículo, conhecer melhor as áreas de atuação, por exemplo (TEIXEIRA & GOMES, 2004). Isso pode ser percebido na Universidade de Brasília (UnB), no curso de ciências sociais, onde essas atividades são geralmente buscadas pelos(as) próprios(as) estudantes autonomamente e não são ofertadas com frequência pela universidade ou pelo departamento de Sociologia.

Com isso, podemos questionar se a formação oferecida pelas universidades, mesmo as grandes universidades públicas brasileiras das quais a UnB é um exemplo, acompanha as necessidades dos concluintes e das demandas do mercado. Isso poderia talvez explicar, ainda que parcialmente, o fenômeno do desemprego dos jovens profissionais de nível superior (FOGAÇA & SALM, 2006). Dessarte, em cursos onde a formação não fornece uma “profissão” delineada, mas habilitam para uma ampla gama de atuações possíveis, como o curso de ciências sociais, a pergunta que surge em comum entre os formandos é: "o que fazer após formar?". Afinal, esse é

um exemplo de curso que não oferece posições bem definidas no mercado de trabalho, mas uma formação geral em humanidades, e algum instrumental de pesquisa e construção de projetos, o que oferece provavelmente uma incerteza mais intensa aos formandos sobre o caminho a seguir após a graduação. As percepções de senso comum apontam, a priori, para uma baixa empregabilidade ou uma baixa compatibilidade de formação-emprego com o curso de Ciências Sociais, em comparação com outros cursos em que a formação obtida é diretamente aplicável nas atividades profissionais, como seria o caso, por exemplo, do curso de arquitetura.

Desse modo, nesta monografia nos propusemos a discutir as percepções dos alunos de Sociologia/Ciências Sociais sobre a compatibilidade entre sua formação e o mercado profissional na área. Escolhemos, para oferecer um ponto de contraste e aumentar a robustez dos achados, o curso arquitetura, investigando também as percepções dos alunos concluintes deste curso a respeito de sua formação. Dentre os variados cursos de ensino superior, esse curso nos parece conter elementos em sua grade curricular universitária considerados como conteúdos de conhecimento da área de humanas, além de contar com matérias consideradas de exatas, o que oferece ao longo da formatura um campo de conhecimento variado, como ciências sociais. Não obstante, a arquitetura é um exemplo de curso, que ao longo de sua concretização profissional no Brasil obteve sua função estabelecida pela adequação às condições produtivas existentes, e contendo uma área de procura no mercado bem delineada e relativamente mais adaptada à mutável demanda trabalhista. Além do mais, segundo Serapião (2008), conforme citado por Salvatori (2008), apenas 25% dos alunos desse curso se formam e exercem profissões fora da área ou em área correlatas desde a sua formação.

[...] compreende-se que a hegemonia pretendida e, até certo ponto, alcançada pela Arquitetura Moderna no Brasil, foi efetiva em um contexto em que o número de escolas era reduzido, o campo profissional estava limitado às obras de caráter excepcional e a categoria profissional era proveniente de estratos sociais identificados com suas realizações, não havendo, aparentemente, problemas de colocação profissional (SALVATORI, 2008, P. 75).

Na sociologia, ao contrário, observa-se pela ótica dos estudantes, o retrato de uma formação acadêmica incompatível com as necessidades e dinâmica do mercado de emprego. A identidade

como cientista social dos formandos e egressos pode ser afetada por essa transição de universidade para a empregabilidade.

“A experiência e formação que se tem nunca são suficientes para as exigências do mercado de trabalho, fato que revela um descompasso entre formação e profissionalização. A dificuldade constante em conseguir um emprego, as várias negativas vivenciadas nas seleções colaboram para o sentimento de insegurança que esses jovens carregam desde a graduação, pois percebem que a formação oferecida pelo curso na universidade não é preparatória para a realidade do mundo laboral. É uma formação restrita para a reprodução da vida acadêmica que não tem meios de absorver de maneira maciça os seus egressos.” (Young, 2013)

Para além dos estudos já realizados na área, a proposta de investigar as percepções dos futuros sociólogos/cientistas sociais a respeito de um descompasso entre oferta de oportunidades no mercado e formação curricular nas ciências sociais surgiu, principalmente, da minha observação pessoal. Em conversas nas aulas de graduação e pelos corredores e locais diversos pela UnB, em 2019, percebi uma inquietação e ansiedade dos prováveis formandos com a situação política no país, onde as críticas aos estudos das humanidades se faziam frequentemente presentes na discussão pública. Essa inquietação se fez ainda mais intensa no contexto da pandemia do COVID-19, que adiou formaturas, piorou a crise econômica e afetou o equilíbrio dos estudantes. O interesse pelo tema surgiu, também, da minha própria situação de jovem prestes a me inserir no mercado de trabalho, e da minha percepção sobre as chances dentro da área de sociologia em comparação com outros cursos.

As minhas investigações iniciais sobre as expectativas dos estudantes de variados outros cursos não levaram a conclusões concretas. O objetivo inicial de questionar os egressos e formandos(as) de diversos cursos da UnB sobre suas expectativas se tornou muito dificultado, devido ao contexto da pandemia do COVID19, que suspendeu as aulas impossibilitando a observação e o contato mais direto com os demais alunos, impossibilitando a realização do projeto inicial no prazo previsto. Portanto, decidi me valer de dados secundários e de algumas entrevistas com egressos do curso de Sociologia/Ciências Sociais para compreender as percepções destes em relação ao mercado de trabalho e à formação recebida no curso. Optei ainda por comparar os formandos/egressos de sociologia com os do curso de arquitetura, com a hipótese de que suas

perspectivas sobre a compatibilidade formação/mercado seriam diferentes, reguladas pelas oportunidades percebidas empregos na área específica de formação e com o treinamento profissional oferecido pela universidade.

Portanto, nessa monografia, nos propomos a analisar as opiniões e expectativas dos estudantes de ciências sociais, no geral e particularmente no curso de Sociologia/Ciências Sociais da UnB, sobre a capacidade do curso de preparar para o mercado de trabalho. Para fazer isso, vamos analisar dados qualitativos e quantitativos referentes ao perfil e às opiniões dos estudantes sobre o curso, a fim de verificar se há uma especificidade dessas opiniões para as Ciências Sociais. Mostraremos também, a título de comparação, o perfil e as opiniões dos estudantes do curso de arquitetura e complementaremos com algumas entrevistas em profundidade para ilustrar os padrões localizados nos dados e uma revisão de estudos semelhantes já realizados. Os objetivos específicos pontuados podem oferecer mais detalhadamente a intenção deste trabalho:

- Levantar o perfil dos formandos em Ciências Sociais, comparando com o perfil geral, em termos de características socioeconômicas de outro curso, a título de comparação a fim de avaliar algumas explicações alternativas baseadas na origem socioeconômica média do alunado de Ciências Sociais, para os padrões observados.
- Focar nas perspectivas e expectativas trabalhistas dos estudantes, no que se refere ao treinamento oferecido pelo curso para enfrentar o mercado de trabalho de ambos os cursos, utilizando dados retirados do questionário do ENADE 2017 e pesquisas já realizadas.
- Complementar as análises com entrevistas em profundidade realizadas por mim com um grupo de jovens recém-formados em Ciências Sociais pela UnB, em 2019.
- Relacionar as informações obtidas a partir da coleta de dados qualitativos com os dados empíricos secundários de estudantes formandos coletados pelo ENADE, comparando os estudantes de Ciências Sociais com os de outro curso, nesse caso Arquitetura, para verificar se os resultados encontrados são específicos das Ciências Sociais ou se podem ser generalizados para estudantes formandos no momento atual no ensino superior brasileiro.

1.1. Contexto – O Mercado do Trabalho Para os Jovens no Brasil Atual.

Levar em consideração o contexto relacionado ao mercado econômico e trabalhista é importante para compreender as expectativas dos jovens formandos investigados, pois configura-se como uma das estruturas que influencia a vida adulta, como mostra Vieira (2009), citado por Dias (2016). Neiva (1993; 1995; 1996), por exemplo, em estudos centrados no problema da transição universidade-mercado de trabalho, concluiu que as oportunidades percebidas de emprego produzem efeitos diferenciados nos projetos profissionais e nas atitudes de jovens concluintes do ensino superior.

Em primeiro lugar, verificamos uma visível redução no número de empregos oferecidos ao grupo de idade considerado jovem nos últimos anos, ao passo que existem cada vez mais inovações tecnológicas, que transformaram profundamente o campo das ocupações profissionais, e espera-se que o trabalhador seja mais flexível, apresentando maior repertório de habilidades e competências (TEIXEIRA & GOMES, 2004). Nesse contexto econômico, conseguir uma vaga de trabalho tem sido uma tarefa exigente para os indivíduos. Observando o panorama atual e geral do Brasil no âmbito do mercado de trabalho, vemos que o as taxas de emprego têm experimentado nos últimos anos, mais especificamente desde 2014, uma contração geral (Figura 1), que se intensificou no período recente, em 2019, devido à crise econômica advinda da pandemia do COVID-19, de acordo com uma pesquisa social da FGV (2019). Atualmente, segundo o IBGE (2019), a taxa de desemprego da população entre 18 a 24 anos é duas vezes maior que a da população em geral do país. Enquanto a taxa geral ficou em 11,9%, entre os jovens, esse percentual saltou para 23,8%.

Figura 1

Evolução da taxa de desemprego

Média anual, em %



Fonte: IBGE

Evolução da taxa anual de desemprego — Fonte: Economia G1

A pesquisa social da FGV, coordenada por Neri (2019) mostra como o grupo social de jovens entre 15 a 29 anos perderam sua renda média, desde 2014 a 2019. Nesse período analisado, a pesquisa elucida também que os jovens ainda se encontram em pior situação de salário quando comparada aos grupos tradicionalmente excluídos, como pardos, negros, pessoas sem instrução e nordestinos, por exemplo.

Esta perda é mais forte entre os jovens de 15 a 19 anos (-26,54%) e entre os jovens de 20 a 24 anos (-17,76%), seguindo de analfabetos (-15,09%), moradores da região nordeste (-7,55%) e pessoas de cor preta (-8,35%), todos com redução de renda pelo menos duas vezes maior que a média geral. (NERI, 2019, p. 10).

Portanto, observamos que a maior queda de salário foi para os de jovens entre 15 a 24 anos. A pesquisa ao destrinchar este grupo nos mostra que para a parcela dos sem instrução/analfabetos houve queda mais significativa de renda em -51,1%. Existe, portanto, a desigualdade salarial

entre os jovens comparados com a população em geral, mas dentro desse grupo de jovens adultos, o caminho do estudo e experiências variadas prévias no mercado de trabalho atenuam levemente o efeito do desemprego e baixos salários (NERI, 2019).

Com a crise econômica os jovens têm encontrado um desafio maior para conseguir um emprego após a formação e obtenção do diploma, pois, segundo Fogaça e Salm (2006), o aumento do contingente universitário ultrapassou a oferta de emprego no país, e essa falta de oferta seguiu a estagnação econômica das últimas duas décadas. Ainda segundo os autores, essa falta de crescimento econômico vigoroso, capaz de gerar postos de trabalho (em quantidade e qualidade) intensifica a falta de oportunidades e vagas de empregos para mão-de-obra qualificada.

Com isso, podemos observar que a média da situação trabalhista dos jovens e jovens adultos em geral pode ser entendida como mais complicada. Relacionando essa observação mais especificamente para a região do Distrito Federal (DF) onde se situa a Universidade de Brasília, no ano de 2019, observamos que a taxa de desemprego geral girou em torno de 18,3%, segundo a pesquisa de emprego e desemprego (PED). Porém, segundo a CODEPLAN, os jovens de 16 a 24 anos têm uma taxa de desemprego no DF com um percentual médio de 42.7% de desempregados, muito elevada em comparação com a taxa geral.

Devido a essa conjuntura e a outros fatores pessoais, cada vez mais jovens adultos, ao longo dos últimos anos, estão diversificando as atividades profissionais, como por exemplo: as manobras de empreendedorismo, trabalho informal, foco em concursos públicos, especializações e pós-graduações em diferentes áreas de sua formação ou, simplesmente, desistem de buscar algum trabalho (MELO & BORGES, 2007). Com isso, a inserção dos jovens no mercado de trabalho se configura como um desafio também para o Estado, já que se trata de um grupo social mais vulnerável pois os jovens tendem, inicialmente, a conseguir ocupações precárias, que estão abaixo das expectativas almejadas (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2013). Vale observar que esta pode ser uma das possíveis explicações para o aumento do número de alunos no curso de ciências sociais da UnB que fazem mais de um curso, ou que possuem “projetos paralelos” de trabalho durante a formação, como pudemos verificar ao longo da pesquisa.

1.2. A Situação Trabalhista no Distrito Federal

Considerar as áreas de atuação para as ciências sociais, assim como as áreas de emprego com mais oportunidades no DF, espaço geográfico onde se dá a formação dos nossos sujeitos de pesquisa, é estabelecer uma relação com as perspectivas e expectativas dos egressos de Ciências Sociais da UnB propriamente dita. Desse modo, buscamos demonstrar, utilizando dados secundários, a situação econômico-trabalhista do Distrito Federal.

O Distrito Federal dispõe de características urbanas, relações interpessoais de trabalho singulares, pois é a capital política federal planejada, diferentemente de outras grandes cidades, como o Rio de Janeiro ou Salvador, por exemplo. Ademais, a cidade, comparativamente, oferece um campo trabalhista peculiar. Isto é, os campos de trabalho oferecidos pelo setor público, de administração e gestão pública são mais numerosos que em muitos outros estados, como elucida a pesquisa do IBGE (2018), a qual utilizou como base as atividades econômicas predominantes por estados.

Não obstante, a cidade planejada não somente apresenta estes campos de atuação profissional, mas também conta com outros setores importantes para a cidade. O DF oferece, portanto, um campo de análise social e trabalhista analisável, o qual será levado em consideração os anos mais recentes, entre 2013 e 2019. Entender como os campos mais presentes no âmbito trabalhista se estabelecem na cidade, pode nos fornecer mais subsídios para compreendermos as possibilidades existentes de trabalho no DF, e assim as expectativas de estudantes recém-formados na UnB.

Brasília é dividida em 33 regiões administrativas (RAs). Essas RAs constituem o que configura a dinâmica populacional, as relações socioeconômicas do Distrito Federal; assim como a cultura e organização espacial de características singulares. A Figura 2 demonstra a divisão das cidades presentes no Distrito Federal. "Algumas destas cidades e municípios apresentaram baixo dinamismo econômico e, por isso, permaneceram praticamente polarizadas por Brasília" (NUNES, 2014). Além do mais, algumas destas cidades polarizadas tornaram-se cidades dormitórios, pois algumas áreas do "entorno" de Brasília são mais acessíveis economicamente para moradia.

Figura 2



Fonte: MapasBlog. Disponível em < <https://mapasblog.blogspot.com/2012/01/mapas-do-distrito-federal> > Acessado em 11/2020.

Sobre a questão trabalhista, Brasília chama atenção por ser o local que mais emprega no estado. Apesar das diversas ofertas existentes de emprego na região, como em áreas administrativa, de comércio, serviços ou construção civil, por exemplo, a capital administrativa politicamente do país, ainda se prevalece com chamativo para grande parte das pessoas o concurso público, como relata Yung (2013): “[...] é difícil encontrar um jovem recém-formado ou em vias de se formar, das mais diversas áreas, que não cogite fazer concursos públicos”.

Em uma pesquisa feita por Nunes (2014) é demonstrado que a cidade tem o setor público como sua principal identidade. Ainda que, segundo o autor, o DF tem formação recente tanto socioespacial, econômica, cultural quanto urbanística, e não se pode afirmar que esta seja uma tradição consolidada. Apesar da administração pública apresentar uma grande parcela de participação na geração de riqueza da cidade, outros setores econômicos são responsáveis por uma boa parte do rendimento da cidade; tais como a construção civil, os setores de serviços (setor terciário) e comércio principalmente, como afirma o professor Brasilmar Ferreira Nunes.

[...] Nos últimos dez anos, o segmento de atividade econômica que obteve o menor crescimento em relação ao quantitativo de empregos disponíveis foi aquele voltado para a administração pública, cujo crescimento foi de 29%, enquanto a indústria e a construção civil cresceram 112% e os segmentos de comércio e serviços apresentaram alta de 61% no mesmo período. Embora exista apenas 29% da população economicamente ativa empregada na administração pública, este segmento é responsável por 54% do PIB local (NUNES, 2014)

Nas regiões onde o funcionalismo público é bastante presente, os rendimentos tendem a ser maiores. Segundo Nunes (2014), o Plano Piloto, Lago Sul, Park Way, Sudoeste, Águas claras, por exemplo, apresentam renda média domiciliar mensal superior a 19 salários mínimos, e contam com 25% da população regional. As demais regiões administrativas do DF contam com uma renda média de 5,6 salários mínimos, contudo, com 75% da população do DF.

Alguns dados, referentes aos anos mais recentes, tendo o ano 2019 como base, ajudam a elucidar e complementar a situação trabalhista formal no DF. Assim podemos observar como o campo de trabalho se configura na cidade. A análise geral da cidade nesses anos recentes pode ser relacionada com o contexto geral do país, pois, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), embora a cidade apresente uma taxa de desemprego maior que a taxa geral do país, que girou em média geral 18,9%, no primeiro semestre de 2019, Brasília é a terceira cidade brasileira que mais tem maior possibilidade de emprego no país. Ademais, Brasília é a cidade com maior rendimento per capita do país, com uma renda nominal mensal per capita média de R\$2.686, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde o setor que mais empregou e se responsabilizou pela ocupação da população, em 2019, foi o setor de serviços/setor terciário, com média de 73% de ocupados no Distrito Federal, seguidos dos serviços à saúde, serviços sociais e de administração pública, segundo a PED (2019).

O Distrito Federal ainda se destaca pela maior taxa de ocupação no setor público, porém em 2019, a PED demonstra ter aumentado o contingente de assalariados do setor privado ao longo do primeiro semestre, ao passo que o setor público vem decaindo. A Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), apontou que o número de funcionários

assalariados do setor público, que trabalham no DF, diminuiu nos últimos três semestres. Assim, os assalariados do setor público frente ao total de ocupados no DF passou para 21,4%, no primeiro semestre de 2019. Ao passo que no setor privado com carteira assinada, somam 42,2% do total de empregados no DF.

No mais, segundo dados da PED (2019), o cenário de aumento de desemprego se demonstrou pior para os jovens adultos e não afetou tanto a faixa etária de 40 anos. Já que, segundo a pesquisa, ao longo do primeiro semestre de 2019, houve um decréscimo entre as pessoas de 40 a 49 anos (de 10,5% para 9,8%) e crescimento entre os de 25 a 39 anos (de 15,3% para 16,3%) e os de 16 a 24 anos (de 40,7% para 42,2%), que ao longo do primeiro semestre de 2019, as taxas se mantiveram, em média, praticamente semelhantes.

Em 2013, contexto qual a pesquisa sobre a perspectivas dos egressos da UnB (feita pelo Decanato de Graduação, com base em dados da RAIS) no DF ocorreu, temos um cenário de desemprego girando em torno de 13%, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) de 2013. Interessante notar ainda, segundo os dados da PED de 2013, que apesar de Brasília demonstrar um alto contingente no setor público, nesse ano em específico, o setor privado obteve em média um crescimento maior ao longo do ano, causado pelas diferentes áreas que começaram a demonstrar um breve crescimento e ofertas de trabalho, como o setor de comércio e reparação de veículos.

O que podemos retirar dessas informações é que o setor privado vem ganhando espaço no DF e que em diferentes períodos, a cidade tem demonstrado diversificação em determinadas áreas. Com isso, estas ofertas trabalhistas em Brasília foram influenciadas pela relação de demanda e oferta entre trabalhador e empregadores de acordo com o crescimento econômico, diante de políticas e investimentos governamentais de empresas (BORGES et al., 2019). Porém o mercado na região é relativamente restrito, e o foco no setor público, aliado a um baixo crescimento desse mesmo setor, torna a competitividade e a ansiedade em torno do primeiro emprego cada vez maior para os jovens. Além disso, eventos externos como a pandemia da COVID-19, em 2019, afetaram o campo econômico e, conseqüentemente, a dinâmica trabalhista. De qualquer forma, existe algum mercado para os jovens que se formam no âmbito local de Brasília, que vai além

dos concursos públicos. É importante destacar isto na presente discussão para clarificar algumas percepções do senso comum de que os únicos mercados disponíveis para os jovens formados em ciências sociais (e mesmo outras áreas) em Brasília são o setor educacional e o setor de concursos públicos, embora estes respondam por boa parte dos empregos que são procurados e obtidos por esses jovens.

1.3. O Mercado de Trabalho Para as Ciências Sociais

Falando especificamente das Ciências Sociais, este curso é oferecido na UnB desde o seu começo, em 1962. Fato de destaque é o de que a universidade de Brasília tenha sido fundada por um antropólogo, o professor Darcy Ribeiro. O Curso de Ciências Sociais passou a existir formalmente em 1969, há mais de quatro décadas, quando também foi fundado o Departamento de Ciências Sociais.

Apesar de no início de sua concretização no Brasil, na década de 1930, as Ciências Sociais serem requisitadas para pesquisa social relacionada a interesses de mercado (YUNG, 2013), o mercado visado pelas ciências sociais passou a ser mais concentrado nos ambientes acadêmicos, como escolas e universidades. Na Universidade de Brasília, o formando no curso de ciências sociais pode escolher seguir os caminhos direcionados pela universidade: Licenciatura, bacharel, sociologia e antropologia. Destas habilitações o egresso pode seguir para diversas áreas de trabalho, como ingressar em pesquisa de pós-graduação, se tornar professor ou exercer atividades em ministérios, seguir concursos, trabalhar em ONGs ou empresas. Assim como seria possível trabalhar no IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômicas Aplicadas), e por meio de concurso ingressar na Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), por exemplo. No mais, segundo o antropólogo Santos (2016), citado por Ribas (2021), o campo profissional das ciências sociais está além da academia, mas também, em áreas de campo disciplinar com um forte histórico de militância e envolvimento político.

[...] o desenvolvimento de políticas públicas em movimentos sociais levou a expansão de atuação dos cientistas sociais. Explica ele, por exemplo, que “o mercado de trabalho

profissional estar relacionado com a ampliação de direitos e espaços das populações onde antropólogos estudam” (SANTOS Apud RIBAS, 2021, p. 44)

Portanto, o egresso do curso de Ciências Sociais pode ser multifacetado no mercado de trabalho. A diversidade possível para a atuação do recém graduado é em grande parte dos casos em áreas diversas de atuação, não tendo um campo totalmente definido, como Arquitetura, por exemplo (YUNG, 2013). No entanto, a academia sempre foi o espaço mais comum de atuação do e de competição entre os cientistas sociais e o cenário para outros tipos de emprego que são específicos para esta ocupação é restrito. Dados mostram que a grande maioria dos contratados para exercerem a profissão de sociólogo se encontram acima dos 40 anos e possuem em média 10 anos de trabalho, de acordo com dados do Ministério do trabalho (YUNG, 2013).

Com a obrigatoriedade da sociologia nas escolas, desde 2008, as ofertas de trabalho como professor secundário se amplificaram, e conseqüentemente a busca pela licenciatura aumentou (Torini, 2011; Apud GOMES & GUSTAVO, 2017). De fato, este é um cenário possível que o recém-graduado em ciências sociais pode enfrentar, porém o professor de ensino médio, em especial na área de humanas e sociais, enfrenta situações de trabalho precarizadas e desvalorizadas socialmente.

No cenário recente, em 2019, os recém-graduados nas áreas de Ciências Sociais podem encontrar ainda certos desestímulos a respeito de suas expectativas, advindas das críticas do governo em relação ao curso por meio de pronunciamentos em conflito contra as universidades, principalmente, contra os cursos de Sociologia e Filosofia, como a ideia de “descentralização” dos investimentos destes dois cursos, pronunciado pelo representado presidente em exercício Jair Bolsonaro em seu *twitter* (Glogo/G1, Educação, 2019). Outro exemplo de proposta do atual presidente é da redução das verbas dos cursos de sociologia e filosofia do país: "para o presidente, o país deve priorizar áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte" (Folha de S. Paulo, Educação, 2019)

A breve apresentação da situação mais recente serve como comparação com o cenário atual, que podemos hipotetizar estar, atualmente, mais “desanimador” do ponto de vista das expectativas pessoais para o profissional de Sociologia, ainda mais para os recém-graduados, pois, estas

dificuldades se fazem presentes nas áreas de trabalho existentes e mais promissoras para as Ciências Sociais/Sociologia. Uma pesquisa, feita em 2015, por Mirhan (Apud GOMES & GUSTAVO, 2017) aponta as áreas mais propensas para o curso, as quais ela dividiu em pontos categóricos de 18 áreas existentes; onde se pode observar uma maior colocação do caminho acadêmico, principalmente, e também o escolar:

1) mercado bem aquecido; 2) áreas não-exclusivas - mercado relativamente aquecido; 3) áreas de trabalho em disputa com outras profissões - mercado pouco aquecido e pouco desenvolvido. No primeiro grupo estão a docência; a pesquisa; a pesquisa de opinião e de mercado; e o assessoramento sindical. No segundo grupo estão o meio ambiente; o planejamento; a reforma agrária; o marketing político; e o lazer, recreação e turismo. E, por último, estão as áreas de relações internacionais; saúde; jurídica e carcerária; legislativo; recursos humanos; editoração; comunicação; cultura; e assistência social (MIRHAN Apud GOMES & GUSTAVO, 2017, p. 98).

1.4. O Mercado para os Egressos de Ciências Sociais da UnB

Uma pesquisa realizada para análise dos egressos da Graduação da UnB do curso de Ciências Sociais, com informações de 2017 - as quais são as mais recentes até então - elucida como existe uma maior quantidade de formados nas áreas educacionais no mercado de trabalho, como demonstra a Tabela 1 a seguir, contando com uma quantidade total de 172 ocupações formais registradas em áreas acadêmicas.

Tabela 1: Quantidade de formados por áreas de trabalho

Profissão	Remuneração Formados	Qtd.	DP 2017	CV 2017
Auxiliar de Judiciario	R\$ 11.452,70	23	R\$ 4.592,21	0,40
Administrador	R\$ 11.278,52	55	R\$ 5.654,03	0,50
Professor da EJA do Ensino Fundamental	R\$ 9.099,28	105	R\$ 5.083,24	0,56
Escriturario de Banco	R\$ 8.789,24	32	R\$ 4.808,03	0,55
Assistente Administrativo	R\$ 7.271,84	70	R\$ 5.471,38	0,75
Assistente Social	R\$ 7.107,39	6	R\$ 2.702,25	0,38
Professor de Disciplinas Pedagogicas no Ensino Medio	R\$ 6.804,50	14	R\$ 3.097,87	0,46
Auxiliar de Escritorio, em Geral	R\$ 5.672,84	33	R\$ 2.874,00	0,51
Supervisor Administrativo	R\$ 5.568,27	8	R\$ 3.031,78	0,54
Pesquisador em Ciencias Sociais e Humanas	R\$ 5.497,84	6	R\$ 1.926,51	0,35
Professor de Nivel Medio no Ensino Fundamental	R\$ 3.346,45	53	R\$ 1.362,38	0,41

DP: Desvio-padrão

CV: Coeficiente de variação

Fonte: RAIS. Elaborado por AvaliaUnB, 2017.

Vemos também que a proporção de jovens formados neste ano em relação aos formados acima de 34 anos é muito superior. Jovens até 34 anos são cerca de 60 a 65% dos graduados, conforme a tabela 2 e a tabela 3, com dados para 2015 e 2017, distribuídos pela RAIS e elaborado pela AvaliaUnB, a qual toma por base inicial o ano de 2013. São elucidados os números de estudantes da UnB que saíram do curso de Ciências Sociais, por formatura ou evasão. Nessas tabelas vemos que os “egressos” que se desligam do curso sem concluir a formatura são também numerosos, evidenciando o alto índice de evasão do curso. Para ambos os grupos, nessa faixa etária mais jovem, os empregos mais específicos de ciências sociais no mercado são mais escassos e requerem grande experiência, assim as opções ficam mais restritas no que tange a um emprego que seja diretamente relacionado à formação recebida. O fato de não receber o diploma torna a situação ainda mais crítica.

Os dados da Pnad Contínua revelaram que, de 2015 a 2017, o desemprego dos jovens seguiu uma trajetória de crescimento elevado e contínuo, passando de 15%, no primeiro trimestre de 2015, para 25%, no mesmo trimestre de 2017, um aumento de 10 p.p. em dois anos.(Corseuil, Poloponsky, Franca, 2018)

Tabela 2: Quantidade de egressos por faixa etária de 2015

Faixa etária	Desligado-Falta de Rendimento	Desligado-Iniciativa do Estudante	Formado-Graduação	Outros	Total
De 19 a 24 anos	15	9	3	4	31
De 25 a 29 anos	32	18	24		74
De 30 a 34 anos	21	16	58	1	96
De 35 a 39 anos	5	8	14	1	28
De 40 a 44 anos	3	2	6	1	12
45 anos ou mais	4	8	5		17
Total	80	61	110	7	258

Fonte: RAIS, 2015. Elaboração própria.

Tabela 3: Quantidade de egressos por faixa etária de 2017

Faixa Etária	Desligado-Falta de Rendimento	Desligado-Iniciativa do Estudante	Formado-Graduação	Outros	Total
De 19 a 24 anos	24	5	25	1	55
De 25 a 29 anos	43	31	132		206
De 30 a 34 anos	33	26	242		301
De 35 a 39 anos	16	19	136	1	172
De 40 a 44 anos	6	9	61		76
De 45 anos ou mais	18	21	81		120
Total	140	111	677	2	930

Nota: a categoria "outros" inclui falecimento, desligamento por força de convênio, desligamento por falta de documentação, desligamento por decisão judicial e expulsão disciplinar.

Fonte: RAIS. Elaborado por AvaliaUnB, 2017.

Por fim, a tabela 4 mostra a quantidade de estudantes egressos da UnB da graduação, por formatura ou desligado, até o ano de 2018, tendo como ponto de partida o início dos registros acadêmicos nos sistemas da UnB. Temos nesse ano, também, que aqueles que ingressam no curso mais jovens, pertencentes ao grupo entre 18 até 29 anos, possuem uma quantidade muito maior de formados em comparação com aqueles que se graduam mais velhos no curso, como acontece no quadro geral do ensino superior brasileiro e mesmo internacional.

Tabela 4: Distribuição por faixa etária (no ano de saída) e forma de saída

Faixa Etária	Desligado	Formado	Total
Até 18 anos	2	0	2
18 a 24 anos	209	220	429
25 a 29 anos	86	218	304
30 a 34 anos	42	39	81
35 a 39 anos	23	17	40
40 a 44 anos	14	10	24
45 anos ou mais	12	7	19
Total	388	511	899

Fonte: RAIS/AvaliaUnB, 2018. Elaboração própria.

Esperamos, com esses dados, mostrar que há um número significativo de jovens até 29 anos, como também, um número significativo de adultos se formando em Ciências Sociais e

competindo no mercado de trabalho. Aqueles que permanecem em Brasília encontram um cenário peculiar com um setor público muito expandido, um setor de serviços pequeno e pouca indústria. Porém, para Ciências Sociais é um mercado peculiarmente favorável se comparado com o de outras grandes cidades, pois, além do setor acadêmico e educacional, os formandos encontram inúmeras oportunidades de trabalho e emprego tanto no setor terciário público quanto no setor terciário privado.

Existem diversas áreas de atuação disponíveis para o profissional de ciências sociais. Porém, os números de desempregados entre os jovens no DF, em comparação com a população geral demonstra a dificuldade para se obter um emprego nas vagas existentes, muitas vezes bem concorridas, do mercado de trabalho. A questão é se vagas nestas áreas conseguem ser preenchidas por jovens recém-egressos do curso, inclusive no contexto mais recente de crise econômica desde 2019, ou em que tipo de áreas de trabalho eles(as) se concentram e têm suas expectativas. No mais, outra questão a ser respondida é se, na ótica destes formandos e egressos, a universidade é capaz de fornecer uma base para se trilhar e seguir o caminho profissional. É nessa última questão que nos concentraremos no restante deste trabalho.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de desenvolver a presente pesquisa, cuja questão principal é desvendar as expectativas dos jovens formandos em ciências sociais em relação à adequação do currículo do curso para inserção no mercado de trabalho, fizemos primeiramente uma breve contextualização da situação atual do mercado de trabalho brasileiro, com foco no Distrito Federal, uma vez que os estudantes pesquisados são provenientes da Universidade de Brasília. Assim, foram coletadas, inicialmente informações de dados secundários, tais como salários médios, situação trabalhista dos jovens no país e no DF, provenientes da PED – DF, CODEPLAN, IBGE, além dos dados da RAIS/AvaliaUnB, para tentarmos traçar um quadro do perfil de empregabilidade dos(as) estudantes formandos de Ciências Sociais e de suas possibilidades no mercado de trabalho atual. Isso é importante para entendermos a pertinência das expectativas e percepções a respeito do curso que serão discutidas no restante do trabalho.

O plano inicial da monografia era realizar entrevistas em profundidade com egressos do curso de ciências sociais, a fim de conhecer tanto suas percepções a respeito da própria formação e sua compatibilidade com o mercado, bem como suas experiências iniciais na busca por empregos. Porém, no de 2019 o país passou a sofrer as consequências da pandemia do COVID-19, que se alastrou efetivamente pelo mundo em 2020. Interrupção das aulas e retomada em formato remoto dificultaram a localização e os contatos com alunos egressos do curso, o que causou um atraso na realização da pesquisa, cujo intuito era ser realizada presencialmente. Em acréscimo, este cenário pandêmico não somente afetou o foco dessa pesquisa, como também, afetou a tudo e a todos tanto nas perspectivas e expectativas como nas possibilidades reais no mercado de trabalho. Portanto, adaptamos nossa pesquisa buscando responder as questões propostas com um número menor de entrevistas complementadas por dados secundários, de formandos do curso de ciências sociais que responderam ao questionário do ENADE (INEP), um exame de conclusão de curso que contém um questionário subjetivo com questões a respeito das percepções dos estudantes a respeito da própria formação.

Além disso, para dar maior robustez às descobertas, decidimos comparar as percepções dos estudantes de ciências sociais com a daqueles do curso de arquitetura. Escolhemos o curso de arquitetura por ser um curso com menor “descompasso ocupacional”, ou seja, um curso onde grande parte dos formandos passa a trabalhar na área para a qual foi formado. Além disso, é um curso que combina de certa forma elementos das ciências exatas (por exemplo, engenharia, com aulas de cálculo e desenho geométrico) e das ciências humanas, voltadas para as artes, história, etc. Assim, com essa comparação poderemos verificar se os resultados encontrados são específicos das Ciências Sociais ou se podem ser generalizados para estudantes formandos no momento atual no ensino superior brasileiro.

O questionário utilizado nas entrevistas em profundidade realizadas para a presente pesquisa levou em consideração, principalmente, as impressões subjetivas dos(as) jovens entrevistados(as) sobre o curso de Ciências Sociais da UnB, no DF. Abordamos temas relacionados às escolhas, perspectivas, expectativas, conhecimento do curso e do mercado de trabalho antes do ingresso e depois do egresso, assim como, as relações familiares e, também, a situação trabalhista dos

jovens recém-graduados no curso. Tais percepções subjetivas dos egressos permitem que estes observem em si mesmos as suas próprias informações relacionadas às situações sociais, como considera Yung (2013).

A escolha da narrativa de vida como instrumento de pesquisa da dimensão social permite que o pesquisador olhe a realidade de seu interior, por meio do sentido e das particularidades apresentadas pelos sujeitos escolhidos como entrevistados. Analisar narrativas possibilita enxergar processos sociais por meio da historicidade apresentada na descrição de fatos ocorridos em diferentes ocorrências de tempo. Munido deste instrumento, o pesquisador pode encontrar o que há de essencial na realidade social. (YUNG, 2013, p. 61)

Ainda sobre a importância de considerar a subjetividade, segundo Nobeit Elias, citado por Yung (2013), os sociológicos enquanto estudiosos e filósofos da sociedade podem equilibrar e manter relacionados os estudos dos indivíduos com a sociedade, pois, a sociedade é constituída por estes e vice-versa.

As entrevistas foram realizadas virtualmente, a partir de um instrumento semi-estruturado, e os dados secundários foram coletados do próprio sítio do INEP para o ano de 2017, o último onde foram incluídos os cursos de ciências sociais e arquitetura (o ENADE, até o momento, vem alternando os grupos de cursos pesquisados trienalmente). Selecionamos questões, para ambos os cursos, tanto do perfil socioeconômico dos estudantes quanto de suas percepções sobre a própria formação e a adequação do curso quanto à preparação para o mercado de trabalho. Os dados do ENADE foram analisados de forma simples e descritiva, utilizando tabelas de frequência para cada questão selecionada e comparando os cursos nas porcentagens de respostas a cada alternativa.

3. O PERFIL DOS(AS) ESTUDANTES EM CIÊNCIAS SOCIAIS E DE ARQUITETURA

A questão do perfil dos entrevistados nesta monografia deve ser considerada de importante relevância, pois existem variáveis ligadas à origem social e outras características socioeconômicas que podem interferir nas percepções dos mesmos, bem como em suas oportunidades concretas, como indica a vasta literatura sobre a relação entre origens sociais e destinos ocupacionais na nossa sociedade (Vilela e Collares 2009). Não somente o padrão econômico familiar pode influenciar com base material e intelectual, mas também, a cultura presente neste ambiente influencia o estudante de forma relevante, na escolha e trajetória durante e depois do curso. Além do mais, algumas experiências ao longo da graduação, tais como atividades de iniciação científica, de trabalhos em estágios e experiências acadêmicas vividas pelos(as) estudantes durante a graduação, por exemplo, podem ter um impacto positivo até maior do que a origem social, sobre as chances de permanência, diplomação e, posteriormente, de entrada no mercado de trabalho (NETO, 2015)

Além disso, as percepções gerais dos(as) estudantes formandos e egressos sobre o curso, durante a graduação, servem como base para entendermos quais as diferenças ou semelhanças entre esses dois cursos de diferentes áreas do conhecimento apresentam, considerando as percepções e expectativas dos estudantes da forma como o curso prepara para o mercado de trabalho. Para tanto, os dois cursos adotados nesta pesquisa serão o de Ciências Sociais e Arquitetura.

3.1. Dados do ENADE sobre a UnB – Arquitetura e Ciências Sociais

Segundo a avaliação do ENADE de 2017 sobre os cursos da Universidade de Brasília (UnB), o curso de Arquitetura obteve um conceito de nota 5, ou seja, o máximo da nota na escala do ENADE. Enquanto que o curso de Ciências Sociais, o qual é subdividido em licenciatura com nota 4, sociologia com conceito 4 e antropologia que apresentou conceito 3. Vale ressaltar que a UnB diferencia as áreas nas Ciências Sociais nas formas e metodologias de ensino para a formatura e, mais atualmente, por departamento, o que pode influenciar nas diferentes notas.

As notas conferidas pelo ENADE de 2017 avaliam principalmente, segundo o próprio Inep, o rendimento dos formandos e/ou egressos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos, assim como o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional. Por fim, avalia-se e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial. Ao realizar essa avaliação em âmbito Federal, é possível construir indicadores de qualidade que servem para construir políticas, programas, projetos e ações educativas (FERREIRA; TENÓRIO, 2010). A partir das análises dos dados educacionais é possível, também, observar o desempenho do estudante e das instituições, que, dentro de certo contexto, se basearão as decisões de melhorias ao processo de ensino e aprendizagem.

A importância de se levar em consideração a metodologia de avaliação do ENADE sobre os dois cursos em questão da UnB, está em relacionar estas notas e avaliações supracitadas para poder compor uma discussão utilizando e relacionando as percepções do(as) estudantes de Arquitetura e Ciências Sociais, sobre a capacidade do curso oferecer ou não uma boa base para o mercado de trabalho e como essa base pode influenciar nas percepções e expectativas dos formandos e egressos. Focando em estudantes do curso de Ciências Sociais e em aprofundamento sobre esta questão temos que complementar com as opiniões relatadas em entrevistas já realizadas, pois, as estruturas que influenciam a motivação e expectativas na situação de formando vão além do que os dados numéricos podem mostrar. Utilizamos, portanto, mais especificamente as questões sobre as percepções dos estudantes sobre o curso de Ciências Sociais, utilizando a ótica dos estudantes de Arquitetura para fins de comparação.

Vale acrescentar que os estudantes formandos em arquitetura que responderam ao questionário do ENADE são muito mais numerosos do que os de Ciências Sociais. São cerca de 27.026 estudantes, contra 3.474 estudantes de ciências sociais. O número anual de formandos de ciências sociais é bem pequeno se comparado com o de outros cursos, o que teoricamente deveria reduzir a competição pelas vagas para recém-formados.

3.2. Perfil Geral dos Formandos de Ciências Sociais e Arquitetura

O perfil geral socioeconômico e acadêmico dos formandos e egressos destes cursos podem ser observados pelas repostas dadas ao questionário do ENADE de 2017. Para começar, algo semelhante a ser observado é que ambos os cursos dispõem de estudantes jovens com idades semelhantes com idades entre 26 e 29 anos, mas que a média de idade é ligeiramente maior para os estudantes concluintes de Ciências Sociais.

Tabela 2*: Faixa etária de estudantes em Arquitetura e Ciência Sociais

Descriptive Statistics						
CO_GRUPO		N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
21	NU_IDADE	27026	19	73	26.01	5.797
	Valid N (listwise)	27026				
5401	NU_IDADE	3474	19	72	29.57	8.769
	Valid N (listwise)	3474				

Fonte: ENADE 2017.

* O código "21" nesta e em todas as outras tabelas corresponde aos estudantes de Arquitetura, e o "5401" corresponde aos estudantes de Ciências Sociais.

Porém, mais do que idade, podemos notar uma diferença na situação financeira, pois, apesar de ser observado que tanto no curso de Arquitetura quanto no de ciências sociais os(as) estudantes declaram receber ajuda financeira da família, contando com 38% e 23,7%, respectivamente, os(as) estudantes de Arquitetura declaram em maior número obterem uma renda própria em conjunto com a ajuda familiar, com uma porcentagem de 30,9% em comparação aos 17,2% de estudantes de Ciências Sociais com essa característica. Ao longo da formação, os(as) estudantes de ambos os cursos relataram, em sua grande maioria, não ter possuído acesso às bolsas de estudos, porém, em ciências sociais, os estudantes declaram ter bolsas de projeto de pesquisa em uma maior porcentagem de 19,4%, em comparação à 6% do curso de arquitetura.

As diferenças de gênero se sobressaem também entre os cursos. O curso de Arquitetura conta com uma taxa de 68,7% de presença feminina (31,3% de estudantes masculinos). Em comparação, o curso de Ciências Sociais conta com uma taxa de 54,1% de estudantes mulheres e 45,9 % de presença masculina, mais equilibrado.

Tabela 3: Quantidade por gênero nos dois cursos

TP_SEXO						
CO_GRUPO			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
21	Valid	F	18577	68.7	68.7	68.7
		M	8449	31.3	31.3	100.0
		Total	27026	100.0	100.0	
5401	Valid	F	1878	54.1	54.1	54.1
		M	1596	45.9	45.9	100.0
		Total	3474	100.0	100.0	

Fonte: ENADE 2017.

Com relação ao apoio recebido para continuar no curso, em ambos os cursos, os(as) estudantes declaram que a influência dos pais foi importante para a conclusão da graduação. Os pais são retratados como mais importantes influências na permanência do curso, e para continuar no curso é mencionada a influência de amigos e colegas também no papel significativo para se continuar no curso apesar das dificuldades. No que tange à quantidade de familiares dos alunos que concluíram o ensino superior, os(as) estudantes do curso de Arquitetura demonstram que possuem parentes concluintes em maior quantidade (71,4%), em comparação com o curso de ciências sociais (49,8%), segundo as repostas dos(as) estudantes. Isso é um indicativo de um status socioeconômico mais alto em média para os estudantes de arquitetura.

Tabela 4: Concluintes no ensino superior na família: sim/não

QE_I21						
CO_GRUPO			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
21	Valid		2360	8.7	8.7	8.7
		A	19296	71.4	71.4	80.1
		B	5370	19.9	19.9	100.0
		Total	27026	100.0	100.0	
5401	Valid		1107	31.9	31.9	31.9
		A	1730	49.8	49.8	81.7
		B	637	18.3	18.3	100.0
		Total	3474	100.0	100.0	

Fonte: ENADE 2017.

Sobre a questão do principal motivo para a escolha do curso é interessante perceber, segundo as respostas dadas pelos estudantes, que nenhum dos grupos de alunos dos dois cursos de Arquitetura ou Ciências Sociais relatam um interesse majoritário em conseguir inserção no mercado de trabalho, contando 10,3% e 1,6%, respectivamente de alunos que ingressaram no curso visando o mercado de trabalho futuro. As respostas variaram em ambos os cursos e predominaram alternativas como a vocação (com 47,2% para Arquitetura e 28,6% para Ciências Sociais) e outros motivos (com 17% para Arquitetura e 27,5 para Ciências Sociais) para o ingresso no curso. O questionário tinha as seguintes alternativas pela ordem a seguir: interesse em conseguir inserção no mercado de trabalho (A) a influência familiar (B), valorização profissional (C), prestígio social (D), vocação (E), oferecido na modalidade a distância (F), baixa concorrência para ingresso (G), outro motivo (H).

Tabela 5: Principal motivo para a escolha dos dois cursos

QE_I25						
CO_GRUPO		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
21	Valid		2360	8.7	8.7	8.7
		A	2772	10.3	10.3	19.0
		B	1915	7.1	7.1	26.1
		C	2263	8.4	8.4	34.4
		D	314	1.2	1.2	35.6
		E	12767	47.2	47.2	82.8
		F	7	.0	.0	82.9
		G	35	.1	.1	83.0
		H	4593	17.0	17.0	100.0
		Total	27026	100.0	100.0	
5401	Valid		1107	31.9	31.9	31.9
		A	55	1.6	1.6	33.4
		B	48	1.4	1.4	34.8
		C	73	2.1	2.1	36.9
		D	34	1.0	1.0	37.9
		E	995	28.6	28.6	66.6
		F	1	.0	.0	66.6
		G	206	5.9	5.9	72.5
		H	955	27.5	27.5	100.0
		Total	3474	100.0	100.0	

Fonte: ENADE 2017.

Como observado, é importante notar que uma porcentagem bastante baixa de estudantes de Ciências Sociais, apenas 1,6%, aponta o mercado de trabalho como uma das motivações para escolher o curso. Embora o número de futuros arquitetos que aponte esse motivo também seja baixo, é muito superior, chegando a 10,3% destes. Esse resultado é compatível com o maior alinhamento ocupacional do curso de Arquitetura, que oferece mais oportunidades de trabalho na própria área, e oportunidades também mais bem definidas, do que o curso de Ciências Sociais/Sociologia.

Em resumo, existem algumas diferenças de perfil entre os jovens formandos de Ciências Sociais e Arquitetura, além do número absoluto de formandos. Os formandos de arquitetura são mais jovens, uma porcentagem maior destes afirma que ingressou no curso visando o mercado de trabalho específico, o gênero feminino é mais predominante neste último curso e o status socioeconômico médio dos alunos é superior, o que é demonstrado por estes terem mais familiares que concluíram o ensino superior. Essas diferenças naturalmente contam no momento de analisar as expectativas e opiniões desses jovens a respeito da própria formação, porém acreditamos que não são grandes o suficiente para tornar a comparação impossível. Exatamente pela diferença entre o descompasso ocupacional de ambos os cursos, bem maior para as ciências sociais do que para arquitetura, torna a comparação interessante para refletir no tipo de formação que os jovens de Ciências Sociais estão recebendo.

4. AS PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS EGRESSOS SOBRE O MERCADO DE TRABALHO

4.1. As Percepções dos Formandos sobre Ciências Sociais e Arquitetura

No que tange à opinião acerca do curso e de sua capacidade de preparo para o mercado de trabalho, o questionário do ENADE de 2017 dispôs as questões em categorias divididas por escalas do tipo *likert*, que variam de 1 a 6, correspondendo a (1) “discordo totalmente”; (2) “discordo”; (3) “concordo pouco”; (4) “concordo parcialmente”; (5) “concordo”; (6) “concordo totalmente”.

Segundo as respostas dos estudantes formandos ao questionário do ENADE de 2017, observou-se que a maioria dos(as) estudantes de arquitetura concorda totalmente que os conteúdos abordados nas disciplinas do curso favoreceram sua atuação em estágios ou em atividades de iniciação profissional. Opinião esta que se traduz em uma porcentagem de 42,2% das respostas. Ao passo que entre os(as) estudantes de ciências sociais a concordância foi de apenas 24,1% dos alunos.

Não obstante, os(as) estudantes dos dois cursos denotaram respostas semelhantes, com uma ligeira diferença, no que tange aos cursos oferecerem metodologias de ensino que desafiam a aprofundar conhecimentos e desenvolver competências reflexivas e críticas. O curso de arquitetura denota uma concordância total em 45,9% das respostas, já o de ciências sociais exprime esta concordância total em 49,7% das respostas. Além de concordarem em números percentuais, sem muitas diferenças que os cursos proporcionam experiências de aprendizagem inovadoras (com 40,9% para arquitetura e 38,5% para ciências sociais), e que o curso contribuiu para o desenvolvimento da consciência ética para o exercício profissional, com 56,3% para arquitetura contra uma pequena diferença de 58,6% das respostas para ciências sociais.

Importantes diferenças de opiniões dos(as) estudantes aparecem quando no questionário do ENADE de 2017 questiona sobre a oportunidade de trabalhar em equipe, pois, o curso de Arquitetura demonstra um percentual de 71,9% dos alunos com concordância total a esta afirmação, em comparação à 32,9% dos(as) estudantes de Ciências Sociais. Talvez o curso de Ciências Sociais fomente mais a discussão teórica sobre problemas da realidade social que o desenvolvimento dos trabalhos em grupo, já que os(as) estudantes de ciências sociais demonstraram concordar totalmente em 73,2%, em comparação com 58,2% dos(as) estudantes de arquitetura sobre a questão de o curso ser capaz possibilitar o aumento da capacidade reflexiva e argumentativa. No mais, os(as) estudantes de Ciências Sociais concordam totalmente, em 75%, sobre a propriedade do curso em promover o desenvolvimento da capacidade de pensar criticamente, analisar e refletir sobre soluções para problemas da sociedade, enquanto que arquitetura denota uma porcentagem de 62,1%.

Sobre a possibilidade do curso em oferecer uma base para a capacidade de oralidade e escrita, o curso de Ciências Sociais contou com um percentual de 57,8% dos(as) estudantes que concordam totalmente, em comparação com 49,9% de concordância total na opinião dos(as) estudantes de Arquitetura. Os dois cursos não diferem muito, na opinião dos(as) estudantes, sobre estes serem capazes de gerar um desenvolvimento da capacidade de aprender e atualizar-se permanentemente. Isso parece ser uma característica proveniente da educação continuada, do meio educacional e da influência de mais leituras, própria do ensino superior em geral.

Sobre a relação de professor-aluno ao longo do curso, em termos de esta estimular a estudar e aprender mais sobre a área, os(as) estudantes de ciências sociais concordam totalmente com essa afirmativa em apenas 28,8% dos casos, ao passo que os(as) estudantes de arquitetura denotam essa concordância em uma porcentagem de 39,1% dos alunos. Essa última questão pode ser complementada ao observarmos a resposta à afirmativa referente aos planos de ensino apresentados por professores(as) contribuírem para o estudo e as atividades acadêmicas ou extracurriculares, pois o curso de Ciência Social tem uma porcentagem de 26,8% dos alunos que concordam totalmente com a mesma, em relação às opiniões dos(as) estudantes de Arquitetura, contando com 37,7% de concordância total.

Em resumo, em relação a algumas características próprias dos cursos de ensino superior em geral, como melhora a capacidade de comunicação oral e escrita e ter incentivos para aprender mais, as opiniões dos estudantes de ciências sociais e arquitetura não diferem muito. Porém os estudantes de ciências sociais concordam em maiores porcentagens com o fato de que o curso promove sua capacidade crítica e reflexiva, e ajuda a pensar sobre os problemas da sociedade, enquanto que os estudantes de arquitetura concordam em maiores porcentagens com afirmativas relativas ao aprendizado ligado à prática profissional, ou seja, um maior número de alunos deste curso concorda que a aprendizagem no curso se relaciona às atividades realizadas em estágios, incentiva e prepara para o trabalho em equipe, contribui para a realização de atividades extracurriculares e que os conteúdos apresentados pelos professores incentivam a aprender mais sobre a área.

As respostas ao questionário do ENADE reforçam assim aquilo que trabalhos anteriores como Young (2013), Ribas (2020) e outros sugerem, ou seja, que a opinião dos estudantes de ciências sociais a respeito da própria formação é que o curso não prepara suficientemente para o mercado de trabalho. A fim de aprofundar o entendimento dessas opiniões e oferecer uma ilustração do pensamento dos alunos egressos, vamos na próxima seção descrever o resultado das entrevistas em profundidade.

4.2 As Entrevistas Semiestruturadas para Egressos de Ciências Sociais

Foram entrevistados jovens recém egressos do curso de Ciências Sociais da UnB. Todos(as) os(as) entrevistados(as) formaram-se a partir de 2019 e ingressaram na UnB entre 2014 e 2016. A entrevista contou com seis pessoas (um homem e cinco mulheres), que se disponibilizaram a responder o questionário qualitativo. A entrevista foi divulgada para um amplo grupo em redes sociais e tinha como intuito igualar o número de homens e mulheres, mas a maioria das pessoas que se disponibilizou a responder foram mulheres. Porém, a amostra conta com egressos de perfis bastante diferenciados, com visão sobre o curso, experiências e expectativas, assim como o próprio ambiente familiar. A seguir descreveremos os resultados;

Entrevistada 1

A primeira entrevistada, com 23 anos, se identificou como antropóloga e pesquisadora no mestrado da UnB. Antes de entrar no curso, a antropóloga tinha como interesse principal as discussões e problematização sobre a política brasileira e a desigualdade social, cuja influência foi fortemente fomentada pelo irmão. Ao passo que os pais viam com maus olhos o caminho profissional da filha.

“Meu pai cursou CS também na década de 80 e vê o curso com maus olhos, não por ele em si, mas porque sempre ressaltou a dificuldade em se empregar na área. Não sei se minha mãe tinha muitas expectativas. Ambos de família pobre e periférica.”

Vale ressaltar que o pai da primeira entrevistada cursou sociologia, mas ela sabia pouco sobre o curso antes de entrar efetivamente no mesmo. Desse modo, a base desse conhecimento acerca do curso se deu mais em função da visão do pai e do irmão. Portanto, suas expectativas com o mercado de trabalho durante a graduação estavam baixas e continuaram baixas depois de formada, pois, afirma não existir tantos concurso específicos, assim como vê uma escassez de vagas em empresas privadas. Onde existem vagas, como ONGs, outros institutos como ministérios, por exemplo, em sua visão estas parecem estar saturadas, e sempre com alguém mais qualificado e experiente. Além do mais, a entrevistada afirma que a situação parece piorar com a conjuntura política federal que exprime ataques às universidades:

“E as universidades estão sofrendo cortes, muitos [programas de] pós não têm ou têm pouquíssimas bolsas para oferecer, aí é dramático.”

A primeira entrevistada afirmou ter experiência na graduação com iniciação científica, trabalhos voluntários e como assistente em uma secretaria de comunicação. Essas experiências, para ela, ajudaram mais fortemente nos diálogos e nas comunicações com o setor acadêmico e em sua jornada como pesquisadora do que as aulas propriamente ditas. Assim como a proatividade assimilada nos estágios, a organização, o trabalho em equipe e resolução de problemas ou demandas.

Em termos de expectativa futura para o mercado de trabalho na área em que formou, a antropóloga observa as possibilidades de continuar no caminho acadêmico e seguir com uma licenciatura, em conjunto com o doutorado. As opções percebidas por ela são influenciadas pela conjuntura política, como expressado no trecho:

“Não sonho também (nem nunca quis muito, na verdade) fazer pós-graduação, mas atualmente penso no doutorado como uma opção. Mas sinceramente eu preferiria, pelo menos nos próximos anos, atuar em alguma organização do terceiro setor, ou se não, num órgão público, de preferência tendo alguma autonomia. Trabalhar com projetos é uma ideia que me agrada, ainda que as fontes ou o tamanho dos financiamentos hoje em dia estejam bem reduzidos. O sonho é ter um trabalho com objetivos práticos de atuação sem sacrifício da reflexividade. As expectativas hoje estão também muito condicionadas pela conjuntura política”

Entrevistada 2

A segunda entrevistada compartilha de um caminho semelhante, mas divergente em subjetividade e experiências. Ela se identifica como professora de educação básica e pesquisadora. A professora relata que se identificou pessoalmente com os temas do curso, tais como: movimentos sociais e diálogos sobre as políticas sociais e, também, por causa da paixão pela docência.

A professora entrevistada relatou que tinha pouca expectativa e poucas informações antes de entrar no curso, somente conhecia o que já havia obtido no contato que teve na escola. No que diz respeito ao mercado de trabalho, a entrevistada descreve que pensava que o único meio de conseguir ganhar dinheiro seria com estágios, mas em seguida conseguiu obter uma bolsa de estudos na pós-graduação como meio de remuneração, o que ampliou suas perspectivas de trabalho, apesar de continuarem pessimistas, pois considera que o governo assume um papel de responsabilidade nas suas expectativas futuras.

“Entrei na graduação no último ano de governo Dilma, com a Sociologia muito próxima a completar 10 anos consecutivos de obrigatoriedade na educação básica. Em 2017, com a aprovação da Reforma do Ensino Médio, minhas perspectivas foram completamente transformadas e pensei que nunca mais teria emprego. Tem também uma sensação muito forte de perseguição e perigo ao me posicionar enquanto docente de Sociologia na educação básica. Ambas permanecem até hoje.”

Vale notar que a professora trilhou um caminho acadêmico ao longo de sua graduação, o que ajudou em sua jornada trabalhista, apesar desta destacar os percalços causados pelos pronunciamentos do governo federal contra as universidades públicas. Segundo ela, o que ajudou em sua jornada de docência e de pesquisa após formada na graduação foram as experiências variadas e extracurriculares ao longo da graduação, tais como: pesquisa pelo PIBIC, participação no Programa de Educação Tutorial (PET/Sol) e extensão no IPOL.

Entrevistada 3

Com a terceira entrevistada, pôde-se observar uma situação bem diferente, pois ela relatou que se identificou com o curso por interesse em temas relacionados a assuntos pessoais que o curso aborda, tais como: a sexualidade e a religião, embora a entrevistada tenha relatado que seu conhecimento sobre o curso era proveniente somente do ensino médio e sua expectativa, assim como de sua família, eram baixas. No mais, apesar desta ter relatado possuir interesse em ser professora após se formar, foi no após a formatura que a entrevistada diminuiu esta expectativa:

“As circunstâncias em um geral... tudo mudou. O mercado de trabalho é inexistente e parece que tudo que obtive no curso é dispensável.”

A terceira entrevistada relatou ter tido experiências extracurriculares ao longo de sua graduação, como a participação na empresa Júnior da Sociologia na UnB, um estágio na Fiocruz Brasília, um projeto de extensão na Estrutural. Porém, mesmo com todas essas experiências ligadas ao curso de Ciências Sociais, a entrevistada considerou que estes contatos com o mercado de trabalho não ajudaram após formada. Com isso, ainda relatou que sua expectativa e seus planos profissionais futuros para o mercado de trabalho formal eram ainda nulos no momento da entrevista.

Entrevistado 4

O quarto entrevistado se identificou como assistente administrativo e estudante para concurso. Relatou ter escolhido o curso pela afinidade com os assuntos abordados no ensino médio e pelo modo como o curso fazia os(as) estudantes pensarem criticamente. Antes de entrar no curso, o entrevistado relatou que esperava estudar um conjunto de matérias semelhantes às daquelas das quais mais gostava no ensino médio, como história, política, filosofia, por exemplo, entre outras, com base no currículo do curso da UnB disponibilizado na internet.

Como relatado, o entrevistado pensava em trabalhar no setor público, como por exemplo ministérios públicos, em ONGs ou em pesquisas, por exemplo, de modo semelhante à atuação profissional que sua mãe teve. Porém, após observar os atos recentes do Governo Federal, o entrevistado relata que optou por traçar para si um caminho diferente. No mais, com esse momento político, o egresso relatou ter reavaliado se o curso tem, de fato, espaço, oportunidades e respeito na sociedade brasileira.

Durante a graduação o assistente administrativo procurou atuar no que o que acreditou ser mais eficiente para o mercado de trabalho, como relata. Ele estagiou no setor administrativo, nas áreas de relações humanas e em secretarias administrativas ao longo de sua graduação. Tais áreas não tinham conexão direta com o curso de ciências sociais, mas proporcionaram

experiências úteis para serem usadas, efetivamente, no mercado de trabalho, tais como: proatividade, responsabilidade, relações interpessoais no trabalho, por exemplo.

“Em grande parte não. Não utilizei tanto o que aprendi durante o curso para os trabalhos específicos do estágio. [...] toda experiência é bem-vinda, pois, o que nos acrescenta algo novo para o mercado de trabalho é sempre bom. Seja para lidar com pessoas, para responsabilidade, para entendimentos de ferramentas informáticas ou da maturidade nos trabalhos. São habilidades úteis para um comportamento mais adequado em um ambiente de trabalho.”

Em termos de expectativas, o assistente em administração relatou ter mudado seu modo de pensar depois de se formar, pois a situação política mudou. Portanto, descreveu estar traçando um caminho adaptado à Brasília e ao momento político. Isto é, segundo o entrevistado, tem procurado se colocar por meio de concurso público dos quais alguns estão em alta, como o Ministério da Economia, o IBGE, por exemplo. Se possível e se ainda existir bolsas para pós-graduação, o entrevistado relatou pensar em ingressar na área acadêmica, para aumentar o grau de especialização e conseguir mais oportunidades.

Entrevistada 5

A quinta entrevistada, com 24 anos, se identifica como professora de Sociologia. Descreveu ter escolhido primeiramente relações internacionais no ensino médio, mas seguiu para o curso de Ciências Sociais, pelo interesse nas causas sociais, e por acreditar, a priori, na semelhança curricular e trabalhista com o curso de Relações Internacionais. Durante o curso, após a conhecer melhor e ter alguma experiência, a entrevistada desejou seguir para a licenciatura no curso de Sociologia para assim, segundo ela, mudar o mundo pela educação.

A expectativa da professora de Sociologia e de sua família com o curso foram relatadas como positivas em relação aos assuntos que ela poderia estudar, mas relutantes diante das possibilidades de trabalho para a área. Ademais, com relação ao seu conhecimento sobre o curso antes de ingressar, a quinta entrevistada, assim como os outros entrevistados, se interessou e conheceu primeiramente o curso de sociologia no ensino médio

“Eu imaginava que estudaria um pouco de todas áreas das ciências humanas, que aprenderia sobre política, economia, filosofia e Ciências sociais em si. Acho que a expectativa foi acertada, me senti muito feliz com a escolha. Minha família apoiou muito minha decisão, mas no fundo sinto que gostariam que eu tivesse feito um curso que me desse mais oportunidades financeiras.”

Com relação ao mercado de trabalho, a professora de Sociologia descreveu ter percepção e expectativas baixas em relação a isso durante o curso, mas depois de formada começou a perceber e ter melhores expectativas sobre essa questão, apesar da falta de oportunidades existentes. Segundo a professora de sociologia, o cenário atual não contribui muito também para uma capacidade de percepção maior das oportunidades existentes.

“[...]O cenário atual não contribui muito, mas sei por onde começar, quais sites e oportunidades buscar. Seguir uma carreira acadêmica ou de ensino, tudo isso. A gente vai se organizando e sabendo por onde seguir.”

A entrevistada ainda relata que obteve experiências as quais, segundo ela, foram ligadas ao curso, tais como: estágio no Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (atual ministério da cidadania). Todas as experiências extracurriculares, segundo a professora, contribuíram para sua atuação no mercado de trabalho.

“Com certeza, me deu uma boa base de atuação e contribuiu para organização, estratégia e desenvolvimento pessoal.”

Em termos de expectativas futuras, a jovem professora de Sociologia espera pela chamada na seleção de mestrado da UnB, enquanto procura outros empregos para assim entrar, formalmente, no mercado de trabalho.

Entrevistada 6

Por fim, a sexta entrevistada, com 28 anos, se identifica como desempregada e estudante para concurso. A entrevistada relata ter escolhido o curso com base nas leituras sobre os temas

abordados no curso, antes de entrar na UnB. Já em relação às expectativas, ela almejava entender a realidade social de onde vive. Vale ressaltar que a sexta entrevistada não teve a influência da família no processo de escolha do curso.

A entrevistada relata que conhecia, antes de ingressar no curso, as disciplinas que existiam e onde poderia trabalhar depois de formada, mas com a situação mais recente, ela relatou ter as expectativas diminuídas.

“[...] expectativas eu tive em relação ao campo profissional que, hoje formada foi por água abaixo, diante do contexto de desemprego e desvalorização da profissão.”

Com as perspectivas mudadas após a formatura no curso, a sexta entrevistada relata não querer mais continuar a atuar na área, apesar dela relatar ter participado de projetos da própria UnB e estágios durante a graduação.

“Na época fizemos projeto de extensão nas escolas públicas para incentivar os alunos a ingressarem na Universidade. Na semana Universitária promovíamos minicursos com variados temas.”

Ainda segundo a sexta entrevistada, essas experiências durante a graduação não ajudaram após sua formação em sua colocação no mercado. Portanto, no questionário ela ratifica o desejo de seguir outra área de atuação profissional.

5. DISCUSSÃO

Os dados do ENADE 2017 e aqueles coletados através das entrevistas são compatíveis em alguns pontos fundamentais: primeiro, grande parte dos alunos do curso de ciências sociais não escolhe o curso com vistas ao mercado de trabalho relacionado, e nem ainda por “vocação”, porém por “outros motivos”. Esses motivos podem ser vários, porém as entrevistas sugerem que muitos escolhem o curso com base no conhecimento que tiveram da disciplina de sociologia no ensino médio, ou por influência de um professor de sociologia, história, filosofia ou outra disciplina de

humanidades no ensino médio. Afora o que vêm nessa disciplina, que na maior parte das vezes difere de um aluno para o outro dependendo do professor que tiveram, a maioria possui muito pouco conhecimento sobre a disciplina quando ingressa no ensino superior. Outro motivo comum alegado para o interesse pela disciplina, e confirmado nas entrevistas, é o interesse nas discussões políticas e/ou históricas e no ativismo político.

As respostas ao questionário do ENADE também indicam que os alunos em geral não concordam que o curso de ciências sociais prepare, de uma maneira geral, para o mercado de trabalho, exceto no fato de que aprimoram a capacidade de comunicação oral e escrita e a capacidade de análise crítica, características que, embora geralmente bem valorizadas, são tipicamente valorizadas no meio acadêmico. Uma indicação de que essas opiniões são características do curso de ciências sociais é o contraste com as opiniões expressas pelos alunos formandos do curso de arquitetura, que acreditam em sua maioria que seu curso fornece conhecimentos úteis a serem utilizados nos estágios e na profissão, estimula a aquisição de novos conhecimentos e favorece o trabalho em grupo, habilidades mais valorizadas em outras profissões de caráter mais aplicado.

Algumas respostas dadas por formandos e egressos do curso de ciências sociais em outros estudos já concluídos ajudam a complementar a nossos questionamentos sobre a motivação e a expectativa para o mercado de trabalho dos jovens formandos de Ciências Sociais. Contribuindo para esta questão, o sociólogo Simon Schwartzman (1991, *Apud* Gomes e Azevedo, 2017) em uma pesquisa feita com estudantes da USP, em 1991, para esclarecer quais razões levam à escolha do curso, esclarece que as razões que geralmente levam à escolha do curso são baseadas em uma combinação de ideias abstratas sobre vocação e desenvolvimento intelectual. Somente 17% dos entrevistados por Schwartzman (1991), comentaram que escolheram o curso para conseguir um bom emprego. Portanto, os interesses subjetivos para com as Ciências Sociais e suas matérias influenciam em como os egressos entraram no curso e também naturalmente afetam sua trajetória trabalhista. Vale acrescentar que, "Schwartzman (1991) identifica, a seu ver, o que seriam problemas na formação em ciências sociais. O sociólogo acha surpreendente quando, ao perguntar qual o critério de seleção das disciplinas eletivas cursadas, 74,8% dos respondentes cita gosto pessoal, contra 12,9% que citam chances de emprego ou de continuar os

estudos na Pós-Graduação, e 0,4% que escolhem disciplinas pensando na profissão." (em Gomes e Azevedo, nota nº27).

Para aprofundamento sobre o perfil individual e as expectativas dos estudantes recém-formados, em Ciências Sociais pela UnB, podemos aqui relatar resultados da pesquisa desenvolvida por Yung (2013), a qual elucida alguns motivos que levaram os estudantes a escolher o curso de Ciências Sociais. Motivos estes que se resumem, em maioria, na vontade de obter conhecimentos variados, como em discussões sobre política, cultura, economia, movimentos sociais, por exemplo. Já em menor número, outros entrevistados descritos pela autora decidiram fazer o curso optando por seguir outra área profissional futuramente. Ainda segundo a pesquisadora, estudantes procuram oportunidades de ensino ou especialização fora e dentro da área de Ciências Sociais ou procuram adiar sua formação para conseguirem capacitar-se em mais habilidades, que talvez aumentem a garantia de inserção no mercado de trabalho. Ou seja, fica claro por esse estudo que o curso não é buscado por oferecer uma inserção direta no mercado de trabalho (ao contrário do que, até certo ponto, acontece com Arquitetura).

Quando questionados por Yung (2013) sobre o que eles imaginavam ser o mercado de trabalho em Ciências Sociais, especialmente em Brasília, a resposta de todos os ex-alunos entrevistados incluiu a opção do concurso público, além de trabalho com pesquisa através de consultorias, carreira acadêmica/pesquisa e, principalmente, a docência, já que esta é a maior área por onde as trajetórias profissionais seguem (YUNG, 2013). Porém, esse contanto maior com a academia e seus conhecimentos adquiridos ao longo do curso não conseguem ser aplicados pelos recém-graduados, ao passo que o mercado não sabe aproveitar o conhecimento sociológico produzido na academia, como constata Diez (2017), citado por Ribas (2021).

Yung (2013) analisa a partir de suas entrevistas que, segundo os recém-graduados, as experiências profissionais obtidas ao longo da formação do curso serviram somente para ter mais preenchimento no currículo. Muitos empregos e/ou estágios conseguidos, segundo os entrevistados, utilizavam das capacidades variadas e poucas experiências obtidas ao longo da formação, como atividades administrativas no setor público, lidar com o público em geral, por exemplo. Yung (2013) ainda relata alguns empregadores desconheciam a utilidade e função dos estudos sociais. No caso dos(as) entrevistados(as) que almejavam ser professores(as), estes/estas

acabaram se deparando em uma relação com a academia diferente da desejada, pois, a direção escolar impõe uma ordem de assuntos direcionada para um objetivo específico, diferente daquilo que se formaram pensando em ensinar. Em resumo, a autora discute os resultados, diante dos relatos, com uma interpretação que abarca as respostas dos(as) entrevistados(as).

Os jovens que vivenciam essa situação de longa permanência nos estudos, de buscas de alternativas diante das dificuldades de inserção ocupacional, mostram-se inseguros e apresentam sofrimento com a condição que lhes é imposta. (YUNG, 2013, p. 100).

A autora ainda observa a constante resiliência, esperança e foco em mais estudos dos estudantes para se enquadrarem no mercado de trabalho, ao passo que convivem com o medo de não conseguir se encaixar no meio concorrido e incerto.

No mais, importante perceber que, para o mercado de trabalho, a motivação pode estimular o estudante para sua jornada profissional. Porém, a motivação dos jovens estudantes de ciências sociais não parece ser muito bem definida, como aponta Berberino (2018). Em sua pesquisa sobre as razões que levam os jovens à escolherem o curso, a maioria dos seus entrevistados relata estas motivações oriundas de influências da cultura familiar e da estrutura social da qual fazem parte. No que se refere a decisão de seguir uma atuação em áreas de docência em Sociologia, muitos dos estudantes relataram que foram bastante influenciados nas escolas, principalmente, por professores(as) de Sociologia.

Foi possível detectar, apesar de alguns limites na análise, o peso das questões de classe no processo de formação dos estudantes, sobretudo na transmissão de valores culturais aos filhos. Nas questões do aprendizado de Sociologia no ensino médio muito se destacou a atuação do docente enquanto fator importante no conhecimento e afinidade pelas Ciências Sociais, e as intenções acerca do mercado de trabalho depois do curso se mostraram incertas para alguns, ao contrário das alunas que sempre desejaram ser professoras (BERBERINO, 2018, p. 37).

Sobre a questão das expectativas dentro do mercado de trabalho para as Ciências Sociais, a pesquisa de Berberino (2018) apontou ainda a indecisão e falta de conhecimento sobre quais áreas seriam possíveis de seguir profissionalmente com o curso. A maioria dos entrevistados, no

período em que foi feita a pesquisa, optaram por seguir caminhos de docência ou de pós-graduação.

[...] Alunos que terminam a graduação optem pela pós-graduação como uma continuação natural do curso, às vezes associando essa situação à oportunidade de ter alguma remuneração com a bolsa que é oferecida, tendo em vista que seria difícil ter uma inserção imediata no mercado de trabalho de outra forma. Existem os que optam pela docência no ensino médio e não desejam progredir na vida acadêmica, por conveniência pessoal, também discernido durante o curso da graduação (BERBERINO, 2018, p. 32)

Mais atualmente, desde 2019, conforme mostra a pesquisa desenvolvida por Ribas (2021), os recém-egressos continuam reportando muitas inseguranças, apesar de 4 de 5 de suas entrevistadas relatarem terem estagiado ao longo da graduação. Para estas recém-formadas, o estágio apresenta ao estudante efetivamente os variados caminhos que as Ciências Sociais podem oferecer, ao passo que um entrevistado relatou estar ampliando as possibilidades de área - estudando Direito em faculdade particular - para conseguir se colocar no mercado de trabalho (esse é o caso de muitos outros alunos do curso, conforme observação pessoal e conversas com alunos e professores). Porém, ainda para as 4 entrevistadas nessa pesquisa, o caminho entendido como mais palpável e compatível com o que os egressos acreditam que os conhecimentos da Ciência Social se adequam é o ambiente acadêmico, por isso relataram considerar seguir diretamente para o mestrado como a melhor opção após a formatura.

É de relevância observar que, em sua maioria, as opiniões dos(as) estudantes tanto de arquitetura quanto de ciências sociais apontam para o fato de que o ingresso nestes dois cursos não foi motivado pela busca em conseguir uma inserção no mercado de trabalho, mas em grande parte pela vocação (arquitetura) e outros motivos (ciências sociais). Apesar de ser em uma porcentagem relativamente pequena, entre os alunos de Arquitetura houve uma maior porcentagem de estudantes que consideravam entrar no curso visando as possibilidades no mercado de trabalho. Nesse ponto, as expectativas dos(as) estudantes de arquitetura acompanham a literatura sobre esta área profissional, a qual indica o curso com função estabelecido pela adequação às condições produtivas existentes, ou seja, bem delimitado pela finalidade da formação profissional. Sobre a opinião dos(as) estudantes de Ciências Sociais

acerca desta questão, em grande parte estes disseram escolher o curso por “vocação” e “interesse nos conhecimentos sociais abordados e/ou experimentados desde o ensino médio” ou ainda “pelo contato com movimentos sociais”. A presente pesquisa corrobora achados de outros estudos nessa conclusão.

A preparação acadêmica pode muitas vezes não acompanhar o que o mercado de trabalho demanda, pois, segundo Campos (2008), existe uma grande diferença entre o que é esperado encontrar em recém-formados, estagiários ou formandos e o que se reflete na realidade prática do mercado de trabalho. Isso corrobora as opiniões dos(as) estudantes sobre a capacidade do curso oferecer a prática e as habilidades necessárias demandadas pelo mercado de trabalho. Assim, os(as) estudantes de Ciências Sociais demonstram, segundo os resultados das pesquisas investigadas, e daquela realizada aqui através de dados secundários e entrevistas, não conseguirem se adequar à demandas do mercado a partir de sua formação na universidade. Ou ainda, estes observam uma falta de compatibilidade entre as habilidades adquiridas no curso e aquelas que necessitariam desenvolver para obterem melhores perspectivas de empregabilidade e mesmo para adquirirem alguma familiaridade com aquilo que é demandado deles nas atividades profissionais.

Desta forma, o caminho para conseguir uma posição no mercado trabalho acaba sendo restrito na maior parte das vezes às seguintes opções: o concurso público, o caminho da pós-graduação, o caminho da docência no ensino médio, ou ainda seguir para uma área totalmente diferente. Ademais, não se pode deixar de observar, pelas entrevistas apresentadas nesta monografia, que existe muito desânimo e desestímulo entre os(as) estudantes de Ciência Sociais com relação a suas perspectivas. Acreditamos que esta observação é ainda agravada devido ao contexto político atual e à pandemia que o Brasil enfrentou nos anos de 2019 e 2020.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar as percepções e expectativas dos(as) jovens recém-formados(as) em ciências sociais na UnB a respeito da compatibilidade entre o “treinamento” oferecido pelo

curso e as demandas do mercado de trabalho no Brasil nos últimos anos. A contextualização da situação trabalhista nesta pesquisa se deu por meio de dados secundários, os quais demonstraram inicialmente o panorama que estes recém-graduados encontram ao formar. Diante deste cenário empregatício, buscamos elucidar quais áreas existem abertas para formandos do curso de Ciências Sociais e quais são mais buscadas ou que abarcam em maior número empregados provenientes dessa área. Em seguida, por meio do questionário subjetivo do ENADE de 2017, pôde-se fazer uma comparação das opiniões dos estudantes de Ciências Sociais com as dos estudantes do curso de Arquitetura no que tange à capacidade do curso de preparar para o mercado de trabalho e às expectativas diante deste mercado. Por fim, entrevistas em profundidade com egressos do curso de ciências sociais ilustraram e reforçaram as intuições retiradas dos dados secundários.

A pesquisa sociológica deixa evidente que condições históricas, sociais e econômicas influenciam na empregabilidade. Marcas de origem social e étnica, bem como o gênero, são importantes fatores a ser considerados na compreensão das desigualdades no mercado de trabalho. Apesar de ciente desse fato, na presente monografia concentrar nossos esforços em captar as percepções e opiniões dos estudantes formandos como um todo a respeito de suas perspectivas e sua formação. Embora tenhamos assinalado especificidades do perfil socioeconômico dos estudantes de Ciências Sociais, especialmente em comparação com os de arquitetura, tais diferenças foram tomadas no agregado, e não verificamos mais a fundo, por questão de escopo, espaço e tempo, as diferenças étnicas, de gênero e socioeconômicas intra-grupos e a presença de disparidades significativas na percepção de estudantes com diferentes características dentro do mesmo curso. Reconhecendo, no entanto, as possíveis limitações que tais escolhas trazerem ao trabalho, pretendo me aprofundar futuramente nas possíveis diferenças entre as percepções de estudantes de diferentes grupos de raça e gênero no curso de sociologia, buscando uma amostra maior de estudantes para entrevistar do que foi possível fazer no contexto da pandemia.

Admitindo essas ressalvas que “homogenizam” os estudantes do mesmo curso, observamos assim que em termos de perfil, os jovens até 34 anos ocupam grande parte da população de graduandos e grande parcela destes conta com a influência e o auxílio dos pais/família para

concluir o curso, tanto no curso de Ciências Sociais quanto no de Arquitetura. O perfil socioeconômico dos alunos dos dois cursos é até certo ponto diferente, com os(as) estudantes de arquitetura contando com um maior número de mulheres, uma média de idade ligeiramente menor e uma maior porcentagem daqueles que relatam possuir renda própria e daqueles cujos pais e familiares se graduaram no ensino superior. Apesar disso, os alunos de ciências sociais relatam em maior porcentagem ter tido bolsas de pesquisa. Essas diferenças, bem como as opiniões dos estudantes, mostram uma “vocação” diferenciada de cada curso, mais voltada para a pesquisa acadêmica e à docência no caso das ciências sociais e para o mercado autônomo ou privado no caso da arquitetura. Essa “vocação” parece ser percebida ainda que de maneira intuitiva pelo alunado, e influencia suas escolhas, definindo inclusive um perfil específico dos alunos que escolhem cada curso. Naturalmente, a escolha do curso também é influenciada pela seletividade de cada curso, e é difícil definir exatamente em que direção vai à causalidade dessa relação: se a seletividade é dada pelo perfil dos alunos que escolhem o curso ou vice-versa.

O importante a se observar é que os alunos de ciências sociais investigados relataram, em sua maioria, que suas experiências acadêmicas em geral não são de grande ajuda na hora de buscar um emprego, ao passo que as experiências adquiridas ao longo do curso de arquitetura parecem promover uma maior adequação ao mercado segundo as respostas ao questionário do ENADE de 2017. Ainda segundo esse questionário, pode-se notar que o curso de Ciências Sociais promove um maior desenvolvimento nas reflexões críticas sobre a sociedade, assim como no desenvolvimento da escrita e da oralidade, enquanto o curso de arquitetura desenvolve mais a habilidade de trabalhar em grupo. No mais, parece haver, segundo os dados apresentados pelo ENADE de 2017, uma relação entre professores e alunos no curso de Arquitetura que propicia mais incentivo para buscar novos conhecimentos.

Os alunos entrevistados sugerem que o ensino e o treinamento oferecidos pela UnB no curso de ciências sociais aparentemente são compatíveis com a percepção de que as áreas mais comuns de atuação dos formandos em ciências sociais são a pesquisa acadêmica e à docência, tanto no ensino superior quanto médio. Apesar disso, mostramos existirem diversas áreas possíveis de atuação dos cientistas sociais. Estas, porém, conforme os dados que expusemos, são ocupadas principalmente por pessoas com mais de 40 anos de idade e larga experiência profissional. Com

isso, os jovens formandos e recém-graduados se apegam ainda ao caminho de adiamento para entrada no mercado de trabalho, por meio de pós-graduações ou especializações, como constata Yung (2013), ou seguem para caminhos onde atualmente ainda é possível abrir espaço através da licenciatura.

Acreditamos que vários aspectos da presente pesquisa podem trazer insights úteis para a reformas curriculares do curso de ciências sociais. Destacamos a percepção geral dos estudantes sobre a falta de diretrizes mais eficientes para o mercado de trabalho. Apesar do panorama geral atual exprimir a escassez de possibilidades empregatícias formais para os jovens em geral, e em especial para aqueles que querem atuar no campo de trabalho de um cientista social, ainda existem áreas possíveis de empregabilidade. Sugerimos que a falta de informações e as expectativas pessimistas dos recém-formados ou formandos em relação ao mercado de trabalho, com o conhecimento adquirido no curso, poderia ser revertida por meio de mais diálogo entre os estudantes e professores da UnB, os quais compartilhariam experiências e buscariam juntos identificar aquilo que pode ser melhorado no curso para oferecer uma maior confiança aos alunos nas perspectivas pós-formatura.

No mais, a universidade poderia organizar mais ativamente sessões de orientação profissional, assim como trazer mais palestrantes profissionais da área de sociologia para falar sobre as oportunidades no mercado. Isto poderia mitigar os efeitos da falta de perspectiva e influenciar nas expectativas dos(as) estudantes. Não obstante, vale muito considerar o interesse que o plano curricular, conteúdos e aulas do curso de Ciências Sociais despertam nos estudantes. Tais conteúdos, ensinados desde o ensino médio, geram bastante interesse e motivação para ingressar no curso. Por fim, a expectativa defasada ou apenas parcialmente informada sobre as possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho não é particular aos cursos de Ciências Sociais, mas, na ótica dos(as) estudantes, esse curso especificamente trabalha curricularmente conteúdos voltados para poucas trilhas de atuação, tais como a pós-graduação e/ou a docência. Isso pode ser limitador para as perspectivas e expectativas dos egressos, cuja visão mais diversificada da atuação profissional, muitas vezes, é obtida apenas nos estágios ou através de iniciativas dos(as) próprios(as) formandos(as).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anuário Estatístico da UnB 2019 Período: 2014 a 2018. DECANATO DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL – DPO, 2019.

AvaliaUnB, avaliação-externa/graduação, ENADE 2017. Disponível em <[Avaliação UnB - Graduação](#)>, acessado em julho de 2021.

Avaliação UnB, Pesquisa de Egressos, RAIS: 2013, 2015. Disponível em: <<http://avaliacao.unb.br/index.php/avaliacao-interna/pesquisa-de-egressos>>.

BERBERINO, F. Danilo. *AS RAZÕES DA ESCOLHA: UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA O INGRESSO NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*, Brasília, 2018.

"Bolsonaro propõe reduzir verba para cursos de sociologia e filosofia no país." Folha de São Paulo, Educação, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/>>

"Bolsonaro diz que MEC estuda 'descentralizar' investimento em cursos de filosofia e sociologia". Globo/G1 Educação, 26 de abril, de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia>>

BORGES, Gustavo A.; LIMA, Rhennan L. P.; LINA, Laís M.; VAZ Débora R.: **MERCADO DE TRABALHO, EMPREGABILIDADE E SUAS VARIAÇÕES**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica.

BRASIL, IBGE. Distrito Federal. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/panorama>>.

BRASIL, IBGE: **PIB dos municípios. PGI – Plataforma Geográfica Interativa**, Disponível em <[PIB dos Municípios \(ibge.gov.br\)](#)>

BRASIL, Ministério da Educação: **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade)**, Disponível em <[Enade — Inep \(www.gov.br\)](#)>

CAMPOS, Keli C. L. VIEIRA, Vania F.; CAMARGO, Ana Paula, et al.: **Empregabilidade e competências: uma análise de universitários sob a ótica de gestores de recursos humanos**. Rev. Psicologia de Organização do Trabalho v.8 n.2 Florianópolis, dez. 2008.

CORSEUIL, H. Carlos; POLOPONSKY, Katcha; FRANCA, A. P. Maira. **UMA INTERPRETAÇÃO PARA A FORTE ACELERAÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO ENTRE OS JOVENS**, Ipea, 2018.

Desemprego fica em 11% em dezembro, mas atinge 11,6 milhões, diz IBGE. G1 Globo Economia 2020, Disponível em: <

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/01/31/desemprego-fica-em-11percent-em-dezembro-diz-ibge.ghtml> >

DIAS, Tamille S.: **Entre ausências, incertezas e labirintos: a inserção social de jovens que não trabalham nem estudam no Brasil.** Brasília-DF, 2016.

DOS PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE, Capítulo 1. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.>.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico.* São Paulo: Martins Fontes, , 3 ed. São Paulo, 2007.

FOGAÇA, Azuete; SALM, Cláudio L.; **Educação, trabalho e mercado de trabalho no Brasil.** Cienc. Cult. vol.58 no.4 São Paulo 2006.

FRAGOSO, António; VALADAS, Sandra; PAULOS, Liliane. **ENSINO SUPERIOR E EMPREGABILIDADE: PERCEÇÕES DE ESTUDANTES E GRADUADOS, EMPREGADORES E ACADÊMICOS.** ARTIGOS • Educ. Soc. 40, 2019.

GOMES, FÁBIO M.; AZEVEDO, GUSTAVO C.; *Reflexões sobre mercado de trabalho para cientistas sociais e pressões por mudanças curriculares.* CADERNOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS | Vol.1, nº.1 | p. 92-12 | jan. /jun. 2017.

GONDIM, Sônia M. G.: **Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários.** Revista eletrônica, julho de 2002.

GUIMARÃES, ALMEIDA; *Os jovens e o mercado de trabalho: evolução e desafios da política de emprego no Brasil;* 2013. v. 8, n. 2 - E-ISSN: 1982-4637

LIMA, Priscila S. N.; AMBRÓSIO, Ana P.; FERREIRA, Delles J.; BRANCHER, Jacques D.: **Análise de dados do Enade e Enem: uma revisão sistemática da literatura.** Articles • Avaliação (Campinas) 24 (1) • Mar-May 2019.

MACIEL, Caroline. **Uma Avaliação da Lei nº 13.415/17 a partir da Legística e das Metas do PNE,** Educ. Real. vol.44 no.3 Porto Alegre, 2019.

Mapas do Distrito Federal. Disponível em < <https://mapasblog.blogspot.com/2012/01/mapas-do-distrito-federal.html>>

MELO, Simone Lopes de; BORGES, Livia de Oliveira; *A Transição da Universidade ao Mercado de Trabalho na Ótica do Jovem,* Revista PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2007, 27 (3), 376-395

NERI, Marcelo C.; **Juventude e trabalho – Qual foi o Impacto da Crise na Renda dos Jovens? E nos Nem-Nem?** Rio de Janeiro (RJ), FGV Social, Novembro 2019.

NETO, Manoel A.; **NOVOS ATORES NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: Impactos do perfil socioeconômico e das condições pós-ingresso sobre o fluxo escolar e inserção profissional de estudantes de Ciências Sociais de uma instituição privada.** UFMG, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2015.

NUNES, Brasilmar F.: **Brasília na rede das cidades globais: apontando uma tendência.** Revista Eletrônica, Brasília, 2014.

OLIVEIRA, Sidinei R.; PICCININI, Valmíria C.: **Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos,** Rev. Adm. Pública, outubro 2011.

PIB do 1º tri/2019 confirma frustração das expectativas de retomada da economia brasileira em 2019, cnabrazil, 2019. Disponível em: <<https://www.cnabrazil.org.br/boletins/pib-do-1o-tri-2019-confirma>>

RIBAS, Pedro B.; **E SE NADA DER CERTO? Uma análise sobre a trajetória de profissionalização em Ciências Sociais a partir das perspectivas dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB),** Brasília DF, 2021.

SALVATORI, Elena. **Arquitetura no Brasil: ensino e profissão.** Arquiteturarevista, Universidade do Vale do Rio dos Sinos Brasil, 2008.

TEIXEIRA, Marco A. P., GOMES, William B.; **Estou me formando... e agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, v.5 n.1 São Paulo jun. 2004.

YUNG, Tauvana da Silva. **Peguei o diploma, e agora? Desafios, dilemas e estratégias de inserção ocupacional de jovens recém-graduados em Ciências Sociais.** 2013. viii, 107 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ANEXO I

Roteiro da Entrevista para os egressos de ciências sociais da UnB

Dados gerais

Idade:

Gênero:

Profissão (se houver):

Local de Moradia (opcional):

Renda Familiar (opcional):

Ano de entrada no curso:

Ano de formação no curso:

Perfil individual:

1. Por que escolheu o curso? Quais foram as suas motivações ou influências?

2. Quais eram as suas expectativas com o curso? E as da sua família/amigos?

3. O que você sabia sobre o curso antes de entrar?

4. Que expectativas tinha em relação às suas perspectivas no mercado de trabalho quando entrou no curso?

5. Depois do curso, como estão suas expectativas? As mesmas ou diferentes?

6. Se diferentes, o que mudou?

Situação Profissional:

7. Já teve experiências profissionais como estágios, pesquisas, trabalhos voluntários...? Quais?

8. Se sim, essas experiências foram ligadas à sua formação durante o curso?

9. Se sim, essas experiências ajudaram em sua situação profissional após formado?

10. Quais as suas expectativas e planos profissionais futuros?